

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES
CURSO DE ARQUEOLOGIA

LUIS HENRIQUE SANTOS MAIA

IMPORTÂNCIA DA CIDADE DE JARAGUÁ NO CONTEXTO DE
OCUPAÇÃO DE GOIÁS: ASPECTOS DA HISTÓRIA DA CIDADE E
SUAS POTENCIALIDADES NA PERSPECTIVA DA ARQUEOLOGIA

GOIÂNIA, GO

2021/1

LUIS HENRIQUE SANTOS MAIA

IMPORTÂNCIA DA CIDADE DE JARAGUÁ NO CONTEXTO DE
OCUPAÇÃO DE GOIÁS: ASPECTOS DA HISTÓRIA DA CIDADE E
SUAS POTENCIALIDADES NA PERSPECTIVA DA ARQUEOLOGIA

Monografia apresentada a Escola de
Formação de Professores e Hunidades,
como requisito para obtenção do título de
bacharel em Arqueologia, sob orientação da
Profª Cristiane Loriza Dantas

GOIÂNIA, GO

2021/1

Monografia apresentada como requisito necessário para obtenção do título de Bacharel em Arqueologia. Qualquer citação atenderá as normas da ética científica.

Luis Henrique Santos Maia

Monografia apresentada em ____/____/____

Prof^a Cristiane Loriza Dantas

1º Examinador

2º Examinador

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor

MAIA, Luis Henrique Santos

Importância da cidade de Jaraguá no contexto de ocupação de Goiás:
aspectos da história da cidade e suas potencialidades na perspectiva da
arqueologia. - 2021

Orientadora: Cristiane Loriza Dantas

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Escola de Formação de
Professores e Humanidades/Pontifícia Universidade Católica de Goiás.
Curso de Arqueologia, 2021.

1. Arqueologia Histórica. Arqueologia Urbana. História de Goiás

Aos meus pais que sempre me apoiaram.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Luisa Helena dos Santos Maia, verdadeiramente a maior mestra da minha vida e que sempre acreditou em mim e, apesar das circunstâncias mostrarem o contrário, manteve a fé.

Ao meu Pai, Moacir do Carmo Maia e minha irmã, Isabel Cristina Santos Maia, que sempre me incentivaram a continuar.

À minha orientadora, Cristiane Loriza Dantas, que me ajudou com as suas precisas e incisivas pontuações.

À todos os docentes do curso de Arqueologia, da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, que compartilharam os seus conhecimentos, nos provocando a todo tempo, a termos uma reflexão crítica.

Aos discentes do curso, que com o passar do tempo nos tornamos amigos, compartilhando as mesmas expectativas; Dimitri, Lemi, Weyda, Lucas Renan, Bruna, Fran, Matheus, que vivenciaram e vibraram juntamente comigo, a cada etapa vencida, nesta fase de graduação.

À todos os meus amigos, que sempre estiveram torcendo por mim.

À todas as outras pessoas que direta ou indiretamente colaboraram com o sucesso deste trabalho.

Toda a história não escrita da humanidade se encontra inserida nas folhas sobrepostas, umas às outras, do livro da terra, e a técnica das escavações tem como primeiro objetivo o assegurar uma leitura correta das mesmas.
(GOURHAN, 1961).

RESUMO

Análise que procura entender como a cidade de Jaraguá está estruturada, discorrendo, principalmente, sobre a disposição do centro histórico e do centro novo, pensando na cidade como sítio e a integração social que gera alguns elementos estruturais na cidade. A princípio, a discussão será em torno do Arraial do Córrego de Jaraguá.

Palavras-chaves: Arqueologia urbana, patrimônio, Jaraguá

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Mapa da economia colonial do século XVIII de Jaraguá. Fonte: Atlas Histórico Goiás Pré-Colonial e Colonial Vol. 1	19
Figura 2: População de Jaraguá no século XVIII. Fonte: Atlas Histórico Goiás Pré-Colonial e Colonial Vol. 1	23
Figura 3: Mapa de Jaraguá com Centro Histórico destaque. Fonte: Mapnall, 2020. .	26
Figura 4: As principais igrejas de Jaraguá. Fonte: Google Maps	27
Figura 5: Casas históricas de Jaraguá. Fonte: Google Street View.	28
Figura 6: Casas históricas de Jaraguá. Fonte: Google Street View	28
Figura 7: Casas Históricas. Fonte: Google Street View	29
Figura 8: Casas Históricas. Fonte: Google Street View	29
Figura 9: Casas Históricas. Fonte: Google Street View	30
Figura 10: Centro histórico de Jaraguá atualmente Fonte: site curtamais.	31
Figura 11: Delimitação do Centro Histórico. Fonte: Lucas Araújo	32
Figura 12: Revitalização do centro histórico de Jaraguá Fonte: site curtamais.....	33
Figura 13: Ruínas da Capela de São José, localizada no sítio histórico arqueológico São Januário. Fonte: Lucas Araújo.	34
Figura 14: Pedra onde se encontram gravuras antropomorfas. Fonte: Lucas Araújo	34
Figura 15: Gravuras antropomorfas encontradas no Sítio Petroglifo. Fonte: Lucas Araújo.....	35
Figura 16: Altar da Festa do divino Espírito Santo, festejos de 2014 Fonte: PASCOM	37
Figura 17: Mesa de leilões na barraca, festejos do Divino Espírito Santo em 2017 Fonte: Lucas Araújo	38
Figura 18: Cavaleiros das Cavalhadas, festejos de 2018 Fonte: Lucas Araújo.....	38
Figura 19: Padre batizando os Cavaleiros Mouros, festejos de 2018 Fonte: Lucas Araújo.....	39
Figura 20: Igreja Nossa Senhora da Penha-Matriz. Fonte: Google Maps, 2020.	40
Figura 21: Igreja Nossa Senhora do Rosário. Fonte: Google Maps, 2020.	41
Figura 22: Igreja Nossa Senhora da Conceição. Fonte: site iPatrimonio.	42

Figura 23: Casa do Padre Silvestre. Fonte: site iPatrimonio	42
Figura 24: Casa do Padre Silvestre. Fonte: site iPatrimonio	43
Figura 25: Igreja Nossa Senhora da Conceição atualmente. Fonte: Google Street View	44
Figura 26: Disposição das sondagens. Produção: Lucas Silva	45
Figura 27: Cachimbo fragmentado. Fonte: Vestígio Arqueologia e Meio Ambiente. .	46
Figura 28: Fragmentos de ossos. Fonte: Vestígio Arqueologia e Meio Ambiente	47
Figura 29: Fragmentos cerâmicos encontrados. Fonte: Vestígio Arqueologia e Meio Ambiente.	47
Figura 30: Casas históricas que passaram pelo processo de revitalização do centro histórico de Jaraguá Fonte: site curtamais	51

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	13
2. CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA.....	18
2.1 Jaraguá no advento da mineração	18
2.2 O surgimento da cidade	22
3. CONTEXTO ARQUITETÔNICO E CULTURAL.....	25
3.1 O traçado e a forma da cidade.....	25
3.2 O planejamento e execução urbana	27
3.3 Centro Histórico	30
4. PATRIMÔNIOS CULTURAIS DE JARAGUÁ.....	40
5. SÍTIO ARQUEOLÓGICO NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO: UMA ÁREA ESCAVADA DA CIDADE	44
5.1 Materiais encontrados.....	45
CONCLUSÃO	50
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	52

INTRODUÇÃO

O município de Jaraguá, mais precisamente Arraial do Córrego de Jaraguá, se localizava em uma posição estratégica próximo a Estrada Real, no caminho entre Vila Boa e Arraial Meia Ponte. A fundação tinha como principal objetivo a exploração de ouro que se iniciou no ano de 1736 ou 1737 (PEDROSO, 2008).

A exploração aurífera transformou e povoou a região, influenciando a forma como a cidade de Jaraguá se estrutura atualmente. As principais construções da época se mantêm como elementos importantes para a região e continuam sendo utilizados até hoje.

O atual centro histórico da cidade será o objeto de análise aqui, pois, ele traz marcas da formação da cidade e de como a mesma se estruturou ao longo do tempo. Para isso será utilizada a abordagem de arqueologia urbana, que busca compreender contextos arqueológicos em locais urbanizados. Neste sentido o centro histórico será aqui compreendido como componente do contexto arqueológico e que se encontra em constante transformação.

Para o desenvolvimento da pesquisa foram realizados procedimentos metodológicos que teve a intenção de compreender as transformações urbanas, bem como a formação do contexto

As análises aqui feitas foram estritamente de cunho bibliográfico, pois, foi necessária uma adaptação às condições de isolamento que vivemos atualmente. Para que a análise pudesse ser feita utilizamos de ferramentas tecnológicas para visita à cidade, como imagens de satélite do mapa da cidade e fotos retiradas com a ferramenta Google Street View.

Iniciaremos a discussão com a contextualização histórica da cidade de Jaraguá, contextualizando assim o surgimento da cidade e a formação da mesma. Para isso uma discussão teórica a respeito, principalmente, da Arqueologia Urbana será feita.

Por fim, um estudo de caso a respeito do sítio arqueológico Nossa Senhora da Conceição será realizado com o objetivo de exaltar o potencial arqueológico e turístico da região.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para que o estudo arqueológico de cidades seja feito precisamos pensar na cidade como um conjunto de sítios em constante modificação, pois, ao longo do tempo toda a cidade se transforma, o espaço da cidade se transforma e as pessoas que vivem nela mudam, fazendo com que a forma de ver a cidade e os espaços que a compõem sejam repensados pela população que o frequenta. “[...] a cidade é como um mosaico que muda constantemente ao longo do tempo e espaço, seja de forma ordenada ou irregular.” (COSTA, 2014)

O estudo de cidades foi, por muito tempo, estigmatizado por sua monumentalidade. Atualmente existe uma busca por estabelecer um processo multidisciplinar para que seja feita a formulação de conceitos que alcancem níveis abrangentes de pesquisa.

A Arqueologia Urbana expande para além da construção física, evolui na perspectiva de alcançar a complexidade da construção simbólica do espaço sociocultural e suas variáveis. Busca entender como, de forma diacrônica, o espaço foi sendo configurado, o que foi reconfigurado pelos novos atores sociais, o que ficou da extinta diversidade cultural, através do contato, e o que foi totalmente suprimido das culturas anteriores. As pesquisas da Arqueologia Urbana se resguardam na perspectiva de que o estudo da e/ou na cidade suporta aportes teóricos de construção do conhecimento em função de fornecer em muitas partes da malha urbana, potenciais sítios arqueológicos a serem pesquisados, ao contrário do que muitos pesquisadores afirmam. (CABRAL, 2016)

Para Dantas (2015), ao compreender a configuração, e reconfiguração, social urbana não podemos nos limitar a apenas a análise de um grupo humano específico, devemos sim, aprender sobre a cidade em sua constante mutação e a realidade de seus habitantes, pensando nos mesmos como seres inseridos em uma paisagem em constante modificação e com a vida material se adaptando a essas mudanças.

Segundo Santos (2009), os indícios e vestígios da cultura material das cidades compõem a memória da mesma, e de seus habitantes. Esta que, com frequência, acaba se perdendo ao longo do tempo produto da dinâmica da cidade.

Segundo Lynch (1999), a cidade pode ser vista como uma imagem construída por seus habitantes. Podemos observar o design urbano, ou seja, sentir a cidade como um todo, para isso podem ser utilizadas diferentes ferramentas, como a fenomenologia; a construção mental mutável do espaço urbano, tanto individual como coletivamente; a estrutura e significado dos espaços urbanos, levando em conta suas formas e função; e as características físicas que tornam o ambiente urbano visível e memorável. Com isso, podemos observar que na cidade encontram-se inúmeros campos de estudo e esses, dentro de sua própria lógica, passam por constante transformação.

A Arqueologia Urbana é uma ciência que nos permite entender nossos comportamentos no passado, o que significa compreender-nos melhor no presente. Ao mesmo tempo que escava para recuperar esse passado [...] recupera um patrimônio cultural que é de todos. (SANTOS *apud* SCHÁVELZON, 2004)

A Arqueologia Urbana vem com o objetivo de fazer a leitura da cultura material urbana, assim como de seu espaço, e todos os aspectos que envolvem as dinâmicas da cidade. De acordo com a perspectiva de cada autor formas diferentes de se estudar a arqueologia urbana aparecem, elas são sobre fazer uma arqueologia na cidade ou da cidade. Na primeira citada a cidade é vista como o ambiente em que os sítios arqueológicos estão situados. Na segunda perspectiva a cidade e seu ambiente são vistos como objeto de pesquisa, enquanto os vestígios arqueológicos nada mais são do que parte integrada da cidade e assim é estudado em conjunto com a mesma. As duas perspectivas podem, e devem, ser utilizadas, dependendo apenas do autor e da pesquisa que será desenvolvida.

[...] a arqueologia urbana pode ser entendida mais do que somente o estudo da cultura material na e das cidades. Mesmo que a arqueologia da cidade seja realizada somente no espaço urbano e tenha por premissa entender esta paisagem única de pesquisa. Ou que a arqueologia da cidade seja uma investigação do tempo urbano e tenha como principal objeto de estudo a formação e desenvolvimento geral da cidade. O estudo arqueológico sincrônico e diacrônico do urbano deve também procurar entender o urbanismo enquanto fenômeno e, como qualquer arqueologia, fazer uma "hilegrafia" com cada objeto pesquisado, tentando inserir este conhecimento construído nas necessidades e perspectivas contemporâneas e futuras, das cidades em que vivemos. (COSTA, 2014)

O espaço urbano como um todo deve ser entendido e estudado para uma melhor compreensão da Arqueologia Urbana. De acordo com Costa (2014), existem oito conceitos teóricos e metodológicos que podem ser observados no processo de estudo para compreensão do espaço urbano. São esses: a percepção do comportamento ambiental; semiótica ou comunicação arquitetônica; morfologia urbana; planejamento gerativo; normativas de urbanização; teorias de análise da formação das cidades e seu potencial arqueológico. A sintaxe espacial e a teoria da recepção também são citadas, porém não serão utilizadas no trabalho.

A “percepção e do comportamento ambiental”, mostra quais são os sistemas recursivos presentes entre as ações humanas e o ambiente constituído, quais interesses humanos influenciam na construção ou modificação de determinado espaço, ou o que seria o ponto de ligação entre as pessoas e o espaço ocupado. Para investigar esses preceitos podem ser realizadas desde as abordagens das interações proximicas, topofílicas e topofóbicas, até a fenomenologia do espaço (Costa, 2014 *apud* Rapoport, 1978; Rapoport, 2006; Rio & Oliveira, 1999).

O segundo conceito de estudo urbano a “semiótica ou comunicação arquitetônica”, observa a transmissão de determinadas mensagens através dos objetos e paisagens construídas. Essas comunicações podem pertencer à economia, sociedade e política e são percebidas através da comunicação não-verbal expressa na obra em questão.

Outro instrumento utilizado na leitura desta semiótica arquitetural são os modelos de comunicação canônica e indicadora, onde o primeiro refere-se a elementos agregadores como culturais ou históricos, e segundo mais aos elementos diferenciadores como ostentação econômica ou segmentação social (COSTA, 2014 *apud* BLANTON, 1994; RAPOPORT, 1990).

Em terceiro temos a “morfologia urbana”, que são os estudos descritivos das plantas de cidades históricas, fazendo uma análise dos planejamentos urbanos e suas mudanças ao longo do tempo. Essa análise é feita através de três elementos principais: o desenho da planta, os materiais construtivos e os estilos arquitetônicos, e o uso das edificações e espaços.

Em quarto a teoria do “planejamento gerativo”, estuda a forma como as cidades vão se estruturando. “Apesar de ser uma teoria que usa muito dos conceitos de complexidade e emergência, o urbanismo gerativo não é idôneo de padrões e estruturas” (COSTA, 2014).

Já as “normativas de urbanização” são os planejamentos e ações de melhorias nas cidades por profissionais.

Em sínteses são preceitos que pretendem entender as cidades não só como resultado orgânico ou mecânico, mas também como aspirações ou até mesmo projeções imateriais. Em alguns casos, até mesmo utilizando de um urbanismo simbolista ou cósmico, o qual através de orientações mágico-religiosas estabelece o desenho urbano da cidade. (Costa, 2014)

Por último, as teorias de “análise da formação das cidades e seu potencial arqueológico”, relacionadas aos processos econômicos, políticos ou sociais. Essas informações são interpretadas através do material arqueológico em si, assim a ausência ou existência de determinado material, estrutura ou espaço podem definir os resultados.

A cidade, como sítio arqueológico, é entendida através de seus vestígios. O lixo produzido, o local descartado, casas, prédios, condomínios, zonas industriais, densidade populacional, etc. Podemos dizer que, ao estudar o processo de urbanização de uma cidade, nesse caso do arraial do Córrego de Jaraguá, chegamos a uma concepção de espaço e tempo sociocultural, tendo assim uma compreensão muito mais abrangente do que somente olhar para um aspecto desconexo do outro.

O urbanismo é também uma transformação radical dos padrões de vida anteriores, estabelecendo centros de confluência e influência em todas as sociedades, e está em pleno curso no nosso contemporâneo. (COSTA, 2014)

A outra perspectiva ao se estudar os meios urbanos, anteriormente citada, acaba por ter uma visão um pouco diferente. Se pensarmos nos sítios arqueológicos como partes situadas na cidade a visão dos mesmos deixa de ser parte integrante do “grande sítio” que a cidade seria.

Essa ruptura entre sítio arqueológico e espaço da cidade pode ser percebida como uma forma de romper com o passado, como uma substituição do “velho” pelo “novo” e isso é facilmente visível quando elementos antigos permanecem ao lado dos elementos modernos. Em outras situações esses elementos antigos acabam não sobrevivendo às constantes modificações e renovações para que o processo de modernização ocorra. [...] Ainda que a memória se afirme nas continuidades urbanas, o esquecimento está presente na deterioração daquilo que já é passado. (SANTOS, 2009)

Quando um elemento permanece fisicamente, não só na memória da população, o processo de incorporar a modernidade deve acontecer, porém sem que esse elemento deixe de ser ele mesmo. É um processo de revitalização, não de modificação total, e é nisso que está a dificuldade. Fazer um elemento antigo, como os sítios de Jaraguá, sejam incorporados pela cidade sem que eles sejam vistos como

algo negativo, ou até mesmo como uma forma de barrar o “avanço” da cidade. Para tal, um bom trabalho de conscientização do patrimônio cultural deve ser feito e os sítios sejam vistos como parte da cidade moderna, não um empecilho para a modernização.

2. CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

2.1 Jaraguá no advento da mineração

O arraial do Córrego de Jaraguá, que recebeu esse nome devido ao ribeirão Jaraguá, atualmente conhecido como rio Vermelho, era subordinado ao Arraial Meia Ponte. Localizava-se em posição estratégica entre Vila Boa e Arraial Meia Ponte, próximo a Estrada Real, além de proporcionar acesso à região norte do Brasil, como a Bahia e Pernambuco. Atualmente, o rio Vermelho é um importante afluente do rio Araguaia, nasce na região da cidade de Goiás e deságua em Aruanã.

A fundação do arraial de Jaraguá ocorreu na primeira metade do século XVIII devido a exploração aurífera da região, sendo esse ato muito comum na época, fazendo com que, várias cidades fossem criadas (PEDROSO, 2008).

Discute-se como ocorreu a descoberta e a exploração dessas jazidas pois, as fontes disponíveis que retratam a história da fundação do arraial relatam processos diferentes. Documentos históricos do século XVIII e XIX, como os relatos de cronistas europeus e historiadores de Goiás, apontam que negros faiscadores descobriram jazidas de ouro em Jaraguá no ano de 1736 ou 1737 (PEDROSO, 2008). Já a documentação do século XX aponta que jazidas de ouro foram exploradas pelo mineiro português Manoel Rodrigues Thomaz, em 1731.

De acordo com Pedroso (2008) cronistas que estiverem no arraial de Jaraguá no século XVIII, como Pohl, Saint-Hilaire e D'Alincourt registraram que os habitantes do arraial informavam que as jazidas de ouro tinham sido descobertas por negros faiscadores, possivelmente fugitivos, no ribeirão Jaraguá.

Além dos relatos provenientes de viajantes europeus, outra fonte de informações sobre a descoberta das minas de Jaraguá são as memórias escritas no século XVIII sobre Goiás. Tais memórias têm origem em Ordem Régia, estabelecida por D. Maria I em 1782, que “determina a cada governador e ouvidor das Capitânicas do Brasil que escrevessem as memórias anuais de suas respectivas unidades [...]” (PEDROSO, 2008, p. 17).

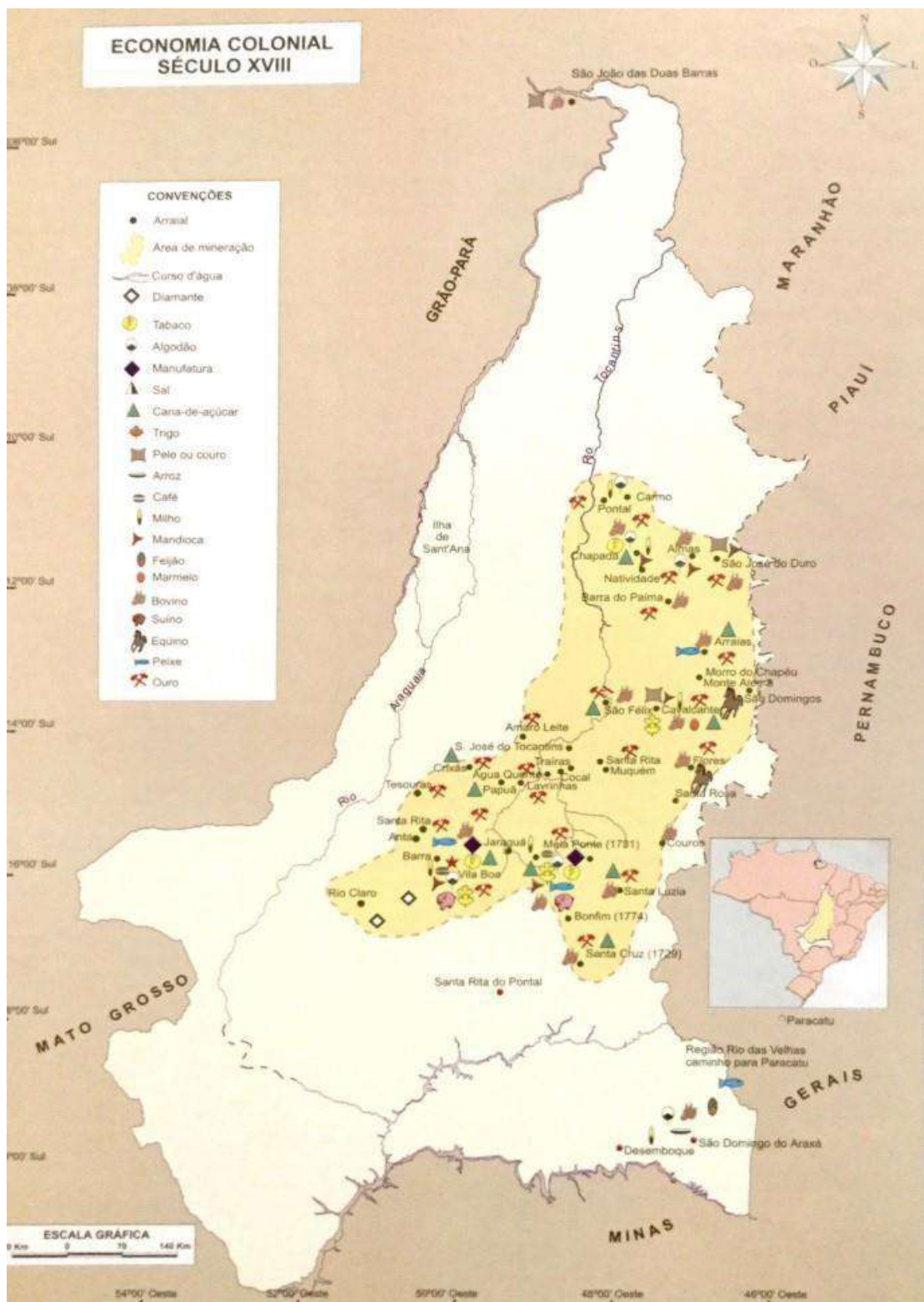


Figura 1: Mapa da economia colonial do século XVIII de Jaraguá. Fonte: Atlas Histórico Goiás Pré-Colonial e Colonial Vol. 1

Nessas memórias, escritas em 1783 e 1785, registraram-se os princípios da região de Goiás. Em ambas são relatadas que a origem do arraial de Jaraguá se deu

pelo descobrimento de ouro por negros faiscadores, em 1736.

Às memórias anuais e os relatos dos cronistas europeus sobre a origem do arraial de Jaraguá foram transmitidas de geração em geração até que se perderam na memória do povo jaguareense. Sendo assim, de acordo com a autora, uma nova versão para a origem de Jaraguá foi estabelecida no século XX. (PEDROSO, 2008)

Na versão mais recente, autores como Artiaga (1951), Jayme (1971) e Almeida (1982) basearam-se na memória e na tradição local para atribuírem a descoberta das minas de ouro pelo bandeirante português Manoel Rodrigues Thomaz (PEDROSO, 2008).

Thomaz era Guarda-Mór de Meia Ponte e, conforme levantamento de Bertran (1985 *apud* PEDROSO, 1999, 2008), vivenciou momento conturbado nos primeiros anos do povoamento de Goiás, pois ocorreram disputas de poder entre os mineiros goianos e o governo colonial, representado pela Capitania de São Paulo, da qual Goiás ainda era subordinada.

Em 1732, o bandeirante português é acusado de ter se apropriado de direitos reais quando o arraial do Maranhão foi descoberto, em 1730.

(...) era costume nos novos descobertos auríferos reservar ao rei o riacho mais rico em ouro que se encontrasse. Parece que Thomaz não só se apropriou da melhor lavra como ainda teria registrado essas lavras em seu nome, e não no de Amaro Leite Moreira, que se dizia ser o descobridor. (PEDROSO, 1999)

Ainda no mesmo ano, Thomaz teria se dirigido para as minas de ouro de Água Quente, deixando o cargo de Guarda-Mór de Meia Ponte. Ainda em 1732, se deslocou até São Paulo para responder às acusações citadas acima. Foi preso, mas por falta de provas, foi solto no ano seguinte sob a condição de não poder explorar mais as minas de Goiás.

Thomaz, depois de solto, se dirigiu para as minas do Maranhão, sendo considerado o descobridor das jazidas de ouro nos arraiais de Traíras e de São José do Tocantins (Niquelândia) em 1735 e 1736. (BERTRAN 1985 *apud* PEDROSO, 1999, 2008)

Assim sendo, trazemos a questão levantada por Pedrosa (2008) “como tal bandeirante poderia estar em tantos lugares ao mesmo tempo? Pirenópolis, Rio Maranhão, posteriormente, Água Quente e ainda em Jaraguá? [...]”

A autora levanta a hipótese de que a memória antiga, que fala da descoberta das minas de ouro por negros faiscadores em 1736, deixou de ser transmitida entre os habitantes de Jaraguá, possivelmente, por causa da chegada de imigrantes ao

município no século XIX.

Dessa forma, surgiu a necessidade de construir uma história para a origem de Jaraguá, que fizesse sentido para a comunidade urbana e imigrante do município. O perfil de Thomaz como descobridor ressoava com essa comunidade, pois era a história de um homem corajoso, desbravador, construindo riqueza.

Duarte (1999 *apud* PEDROSO, 2008) aponta detalhes que podem ter contribuído para a versão de Thomaz como descobridor. Um detalhe seria o de que Meia Ponte (Pirenópolis) é próxima a Jaraguá, portanto, quem explorou as minas de um arraial, poderia ter explorado o do outro. Além disso, o rio das Almas nasce em Meia Ponte e passa próximo a Jaraguá, o que pode levar à conclusão que Thomaz teria subido o rio a procura de ouro e, assim, descoberto as minas de Jaraguá.

A figura de Thomaz como fundador de Pirenópolis, foi tomada de empréstimo pela comunidade jaraguense, mesclando-se fatos (o processo da Coroa Portuguesa contra Thomaz) com o imaginário. Além do mais, Thomaz faz parte do imaginário da fundação de vários arraiais auríferos de Goiás. (PEDROSO, 2008)

A autora ainda ressalta que Pirenópolis teve grande influência cultural em Jaraguá, pois muitas famílias das duas cidades eram ligadas por parentesco. Assim, a versão de Thomaz como descobridor das minas de Jaraguá pode ser influência de Pirenópolis.

Pedroso (2008) também destaca que “quando se atribui a negros faiscadores a descoberta de jazidas de ouro no córrego do Jaraguá, não significa que esses escravos fundaram o arraial”. Tal descoberta por escravos aconteceu em outros arraiais de Goiás, como Pilar, Cocal e São Miguel de Thesouras.

Salles (1983 *apud* PEDROSO, 1999) aponta que no século XVIII ocorreram diversos descobrimentos de minas auríferas por escravos, que possuíam prática em socavação. Desse modo, com os achados em ouro, os escravos poderiam comprar ou ganhar a alforria de seus senhores.

A versão de Thomaz como descobridor das minas de ouro que deram origem ao arraial de Jaraguá foi aceita e incorporada na história do município sendo, inclusive, ensinada nas escolas durante o século XX. No entanto, em 2010, com base em documentações históricas e debates realizados no mesmo ano em simpósio organizado pela prefeitura, a Câmara de Vereadores reconheceu a fundação de Jaraguá em 1736 (PEDROSO, 2008).

2.2 O surgimento da cidade

Sobre o povoamento de Jaraguá, sabe-se que desde o início da exploração aurífera já eram praticadas atividades agropastoris no arraial. Apesar das escassas fontes sobre o arraial no século XVIII, tem-se o conhecimento que a primeira Sesmaria requerida na área foi em 1755 sendo que, logo após esta, outros requerimentos para a formação de lavouras foram realizados.

De acordo com Pedroso (2008) a documentação histórica aponta que a exploração das minas de ouro atraiu famílias portuguesas, cariocas, paulistas, fluminenses, entre outras. Além disso, o arraial recebia constantemente migrantes de outros centros auríferos que se encontravam decadentes entre o final do século XVIII até meados do século XIX.

Sabe-se também que apesar da exploração de ouro intensa no século XVIII, até a primeira metade do século XIX as jazidas do arraial de Jaraguá ainda possuíam ouro. Sendo assim, Saint-Hilaire relata, em 1819, que ali exploravam as jazidas aproximadamente 40 homens livres e escravos (PEDROSO, 1999). Um dos assentamentos iniciais de Jaraguá se deu no engenho de São Januário, no qual o proprietário Baptista José da Rocha, explorava jazidas de ouro e mantinha atividades agrícolas e pastoris. É provável que as duas sesmarias que compunham o engenho pertenceram a esse proprietário entre 1751 e 1805.

Segundo Souza (2012, p. 44)

O engenho de São Januário se insere na tipologia das fazendas goianas do ciclo do ouro (século XVIII – XIX) que foram fundadas por bandeirantes paulistas e seus descendentes, e documentam o período da ocupação e povoamento inicial da região.

A área da atual fazenda São Januário foi objeto de estudo arqueológico entre os anos de 1993 e 1996, sendo reconhecido como sítio arqueológico (sigla GO-Ni.113). Com essa pesquisa foi possível descobrir estruturas antigas do engenho, como a Capela de São Januário e o cemitério onde eram enterrados os escravos africanos.

O contexto do registro arqueológico mostrou “características da sociedade colonial mestiça de Jaraguá”, onde diversos elementos simbólicos europeus, indígenas e africanos foram empregados nas técnicas construtivas em pedra, barro e madeira, na fabricação de objetos em argila e na faiança fina utilizada em momentos específicos. (SOUZA 2012)

A autora aponta que, segundo o Livro de Coleta de Aguardente de 1779, havia

de Goiás” (PEDROSO,1999). De acordo com relatos dos viajantes D’Alincourt, Saint-Hilaire e Pohl os agricultores do arraial cultivavam algodão, milho, feijão e outros legumes.

Além disso, segundo Saint-Hilaire, alguns habitantes se dedicavam à criação de gado e nos engenhos de açúcar, localizados ao redor do arraial, era empregada mão-de-obra de 30 a 40 escravos. Os produtos dos engenhos, que não foram especificados, eram vendidos principalmente para Vila Boa (PEDROSO, 1999).

D’Alincourt conta que o censo de 1816 apontou a densidade populacional da região como, aproximadamente, 6 mil habitantes no Julgado de Meia Ponte, composto pelos arraiais de Meia Ponte, Córrego de Jaraguá e Corumbá. Já Saint-Hilaire relata que a capela filial de Jaraguá possuía 2 mil fiéis, sendo esta a informação mais precisa sobre a quantidade de habitantes do arraial de Jaraguá. (PEDROSO, 1999)

A documentação sobre os primeiros dois séculos de existência do arraial de Jaraguá é escassa, dificultando o entendimento de questões econômicas e sociais e até mesmo sobre sua origem. O que é possível afirmar é que a proximidade do arraial com a Estrada Real, com Meia Ponte e com rotas de comércio para a região Nordeste, assim como, a exploração do ouro concomitantemente com atividades agropastoris, possibilitaram Jaraguá manter-se relevante no cenário colonial goiano.

3. CONTEXTO ARQUITETÔNICO E CULTURAL

Desde os primórdios da civilização a cidade, com seus bairros e ruas, é um local fundamental para o desenvolvimento do ser humano, sendo um local de concentração de troca, um centro de energia, de criação e de transformação. É um local em que diferentes visões de mundo são colocadas em debate, justamente por possuir pessoas de diferentes mentalidades e interesses (SANTOS 2009).

A cidade acaba por ser palco e ator, no sentido de que não só sustenta as modificações e transformações ao longo do tempo, mas também influencia e dirige as mesmas, tendo em si as marcas dos ideais de mudança e modernidade.

Todas as cidades brasileiras - tanto as pequenas cidades e lugarejos do interior como as capitais - vêm sofrendo transformações em seus traçados, estéticas e densidades a partir dessa cadeia de transformações urbanas, sociais, econômicas e culturais. E em todas elas uma grande porção da materialidade, testemunha de sua gradativa evolução, vai se modificando e desaparecendo nas renovações e nas modernizações, processo em que desaparecem muitas marcas evocativas das memórias de diferentes grupos sociais (Santos, 2009)

Mesmo com todas as mudanças, as memórias do que se passou continuam, mesmo que os objetos não estejam mais presentes, e acabam por ser os vestígios que possibilitam reconstruir as cidades do passado. “São estes traços e vestígios, marcas e imagens que possibilitam rastrear as cidades passadas”, Santos (2009).

Evocando, elaborando e recriando sentimentos a arqueologia urbana constrói uma “narrativa conjectural”. Ela busca as “outras” cidades no tempo e no espaço, tentando assim revelar o que foi excluído e o que foi esquecido. Sua melhor qualidade como suporte de memória e da história é a de recuperar o sentido social e histórico da existência dos diferentes grupos que habitam a cidade, ou seja, suas identidades. Frequentemente constitui-se para alguns desses grupos como a única forma de acesso a seu patrimônio cultural (Santos, 2005, 2008 p.91)

3.1 O traçado e a forma da cidade

Como diz Dantas (2020), a arquitetura original da cidade, tanto em sua forma quanto as casas históricas pouco preservadas, nos mostra uma cidade muito embasada em sua religiosidade. Suas igrejas foram sendo construídas de acordo com a necessidade dos moradores, carregando culturas e influências indígenas, africanas e portuguesas. As festas da cidade também eram realizadas nas igrejas, demonstrando que as mesmas representavam mais que cultos religiosos.



Figura 3: Mapa de Jaraguá com Centro Histórico destaque. Fonte: Mapnall, 2020.

A cidade possuía quatro igrejas, destas apenas três ainda estão construídas e apenas duas com características da época. As igrejas são: a Capela de São José, que estaria situada em um possível engenho ou acampamento de mineradores, localizado no Sítio de São Januário. A Igreja de Nossa Senhora da Penha, que foi erguida em 1748 e permanece na cidade até hoje, não com a estrutura e formato original. A Igreja de Nossa Senhora Do Rosário, que foi construída pela irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, uma irmandade de negros. Foi a terceira igreja construída na cidade, por volta de 1776. Ela possui uma carga histórica da cidade e está

localizada no final da rua das flores, que, assim como a igreja, carrega consigo vários contos e lendas da região. A igreja de Nossa Senhora do Rosário foi tombada como patrimônio histórico e permanece com quase todos seus elementos originais (Dantas, 2020).

Toda a forma da cidade vem de como as Igrejas eram posicionadas, comprovando o quanto as mesmas eram parte fundamental da vida dos moradores da região. Elas eram localizadas nas principais ruas da cidade antiga, e as casas históricas que ainda são encontradas na região são, em sua maioria, encontradas nessas ruas.

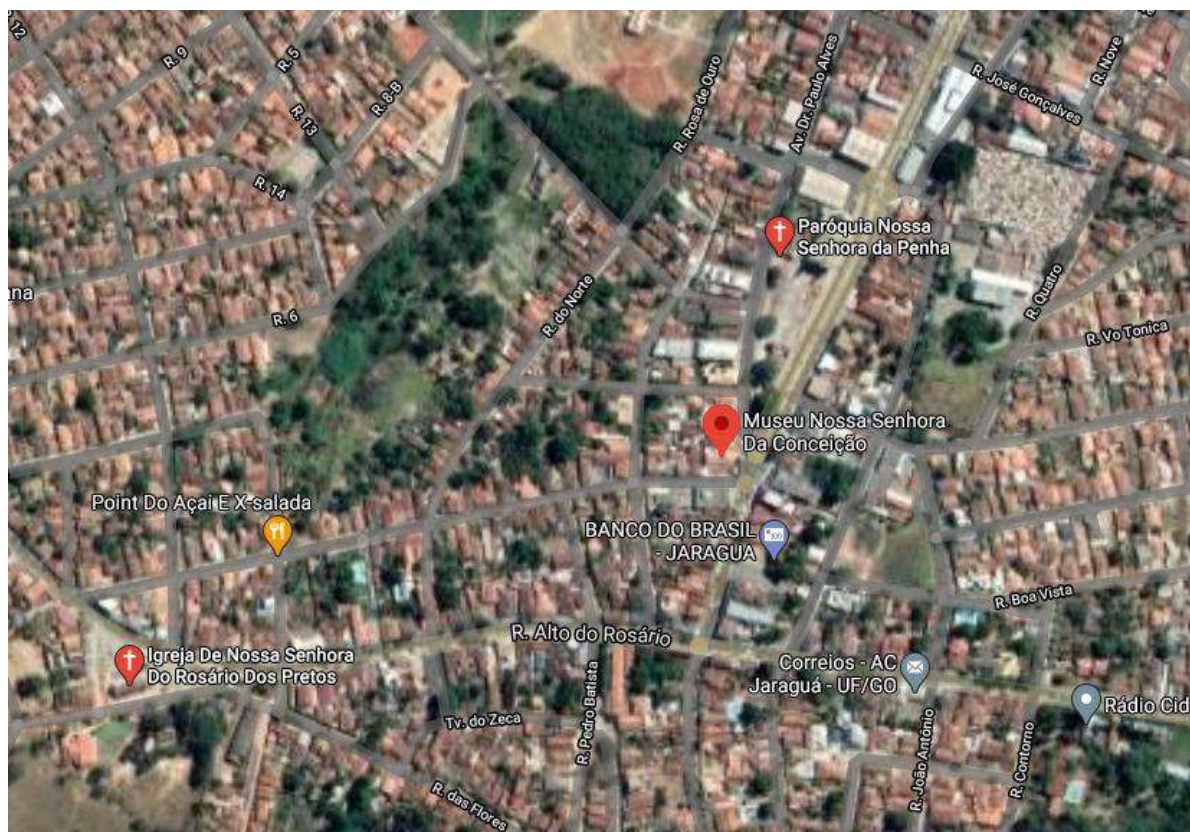


Figura 4: As principais igrejas de Jaraguá. Fonte: Google Maps

3.2 O planejamento e execução urbana

A cidade de Jaraguá tem um alto potencial arqueológico, sendo uma fonte histórica viva em que temos fácil acesso. Contudo, a cidade sofre um grande descaso com relação a manutenção aos prédios tombados e também uma ameaça a destruição destes marcos históricos devido a modernidade.



Figura 5: Casas históricas de Jaraguá. Fonte: Google Street View.



Figura 6: Casas históricas de Jaraguá. Fonte: Google Street View

Costa e Steinke (2013) trazem um depoimento de um morador relatando sua preocupação com o patrimônio urbano de Jaraguá que nos é sua grande valia para entendimento do grau de preservação da cidade. A entrevista foi realizada em Jaraguá, no dia 13 de janeiro de 2012.

Perdemos o patrimônio de Jaraguá, ele não é valorizado aqui. Quando eu era voluntário, nem cera, nem sabão, a prefeitura dava para a limpeza do Museu N. Sra. da Conceição [relembrando, a igreja tornou-se uma espécie de museu – e de maneira muito precarizada]. Outro exemplo de abandono é a rua Sebastião Gonçalves de Oliveira, antiga rua da Prostituição, o prefeito tirou as prostitutas e derrubou tudo, pura ignorância, ficou alguns caibros e algumas porteiras. Hoje é tudo casa moderna ou terrenos baldios.

Com esse depoimento intimista, pode-se perceber o descaso em que a cidade passa devido à falta de interesse dos órgãos responsáveis em manter e preservar os patrimônios de Jaraguá, e assim cabe à própria comunidade ser guardiã do patrimônio cultural.

Essa mesma comunidade, para preservar seu acervo deve ter a consciência de que sua vida cotidiana também se correlaciona com a proteção do simbólico: o culto religioso, as festas profanas, os lugares de referência de sua existência são alguns exemplos dessa correlação espaçotemporal. (COSTA; STEINKE, 2013, p.177)



Figura 7: Casas Históricas. Fonte: Google Street View

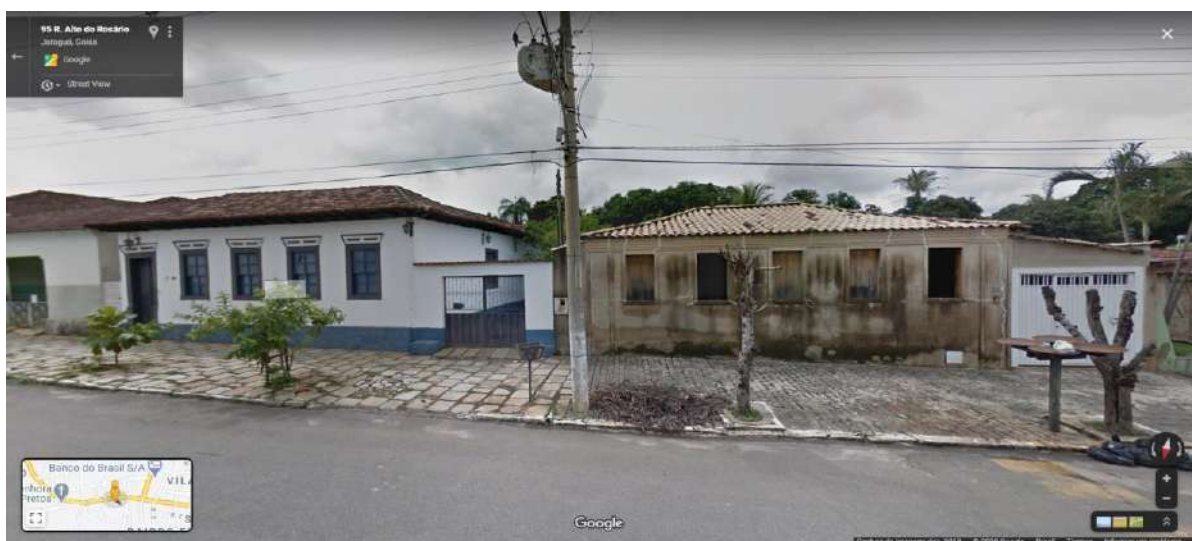


Figura 8: Casas Históricas. Fonte: Google Street View



Figura 9: Casas Históricas. Fonte: Google Street View

Jaraguá tem um grande potencial turístico, mas é unicamente utilizado pela população local, por ser uma típica cidade pequena no interior brasileiro ela não possui receptivo turístico e acaba sendo mais “reconhecida pela sua indústria de confecções que sustenta sua econômica; atividade base dos empregos formais na cidade.” (COSTA; STEINKE, 2013, p.183)

Devido ao contexto em que estamos, em quarentena por consequência da pandemia de Coronavírus, o trabalho de pesquisa foi afetado diretamente, pois o trabalho de campo é uma parte essencial para obter informações e pesquisar.

Em vista disso, por não ter a possibilidade de visitar a cidade de Jaraguá, optou por utilizar a forma virtual de visitação, com a ferramenta do Google Street View e o site do IPHAN para obter imagens e informações sobre a estrutura de Jaraguá.

3.3 Centro Histórico

O centro histórico para a história da cidade Jaraguá é um lugar simbólico e de grande importância para a comunidade, cheio de memórias e histórias. Localizada na rua das flores, é um dos lugares mais antigos e emblemáticos da cidade, tendo várias casas com estrutura colonial.

A área do centro histórico é facilmente reconhecida a partir dos limites estabelecidos pela Igreja Matriz e a Serra de Jaraguá. O centro histórico de Jaraguá mantém muitos dos atributos espaciais do início de sua ocupação. As transformações ocorreram na modernização das edificações; na alteração de usos; na expansão da área central, e no conseqüente distanciamento entre o centro histórico e o centro novo. (ARAÚJO, 2018, p.29)



Figura 10: Centro histórico de Jaraguá atualmente Fonte: site curtamais.

Contudo, seus espaços públicos estão conservados em seu traçado parcialmente original: a estrutura viária e a conformação dos largos, em grande parte, inalteradas.

A área histórica até no ano de 1920, contava com o mesmo número de ruas e largos do século XIX. Ou seja, dez ruas e três largos. O local de intervenção possuía um traçado de ruas e praças não retangulares, com ruas ligeiramente curvas variando de largura consideravelmente. (ARAÚJO, 2018, p.29)

Segundo Araújo (2018) as primeiras modificações do traçado do centro histórico ocorreram no governo do prefeito Elias da Fonseca, as obras provocaram modificações nas tipologias de algumas ruas.

Como a rua direita que hoje recebe o nome do próprio, ele realizará um alinhamento onde foram cortadas algumas casas, elevando o nível da rua, colocando sarjetas e calçadas de passeio até a rua Vigário Álvares e desta até a praça Getúlio Vargas. (ARAÚJO, 2018, p. 29)

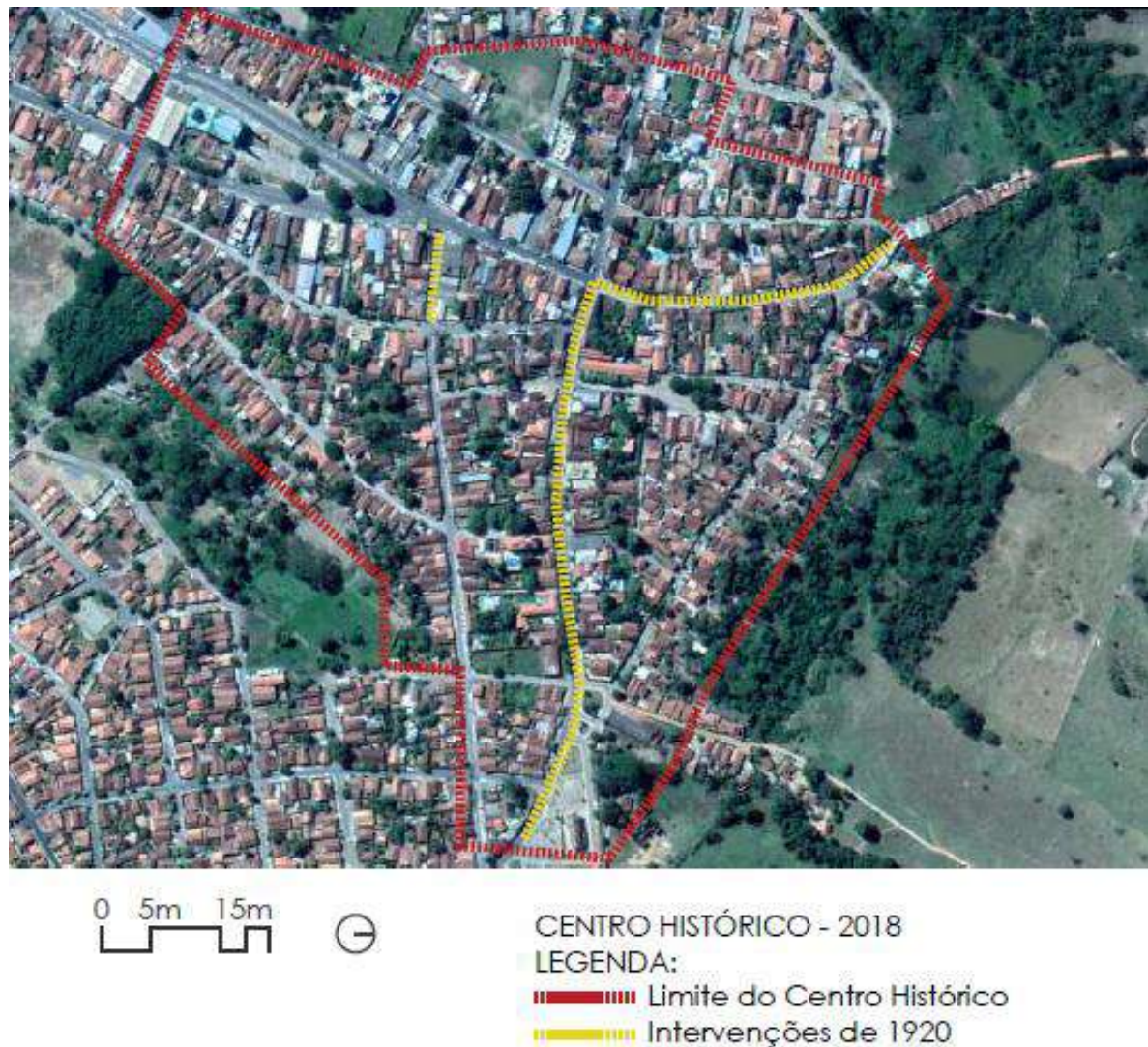


Figura 11: Delimitação do Centro Histórico. Fonte: Lucas Araújo

Outra intervenção feita pelo prefeito foi desapropriar uma casa ao lado da Igreja de Nossa Senhora da Conceição, assim fazendo uma ligação direta com a rua do mercado principal.

Os estudos referentes ao centro histórico problematizam várias questões, a falta de interesse do poder público e muita das vezes dos próprios donos dos imóveis, que ao invés do zelo do seu patrimônio acabam deixando acabar em ruínas. (ARAÚJO, 2018, p.30). Com isso, o centro histórico com o passar dos anos vem perdendo cada vez mais suas características representativas nos seus edifícios coloniais.

Ano passado, primeiro semestre de 2019, o centro histórico foi revitalizado através da campanha AMA JARAGUÁ “que é um conjunto de ações para revitalização

do Centro Histórico além de proporcionar o reforço de manifestações culturais e o fortalecimento da autoestima de quem movimenta o lugar.” (LACERDA, 2019), sob comanda da Associação dos Defensores do Patrimônio Histórico e Cultural.

A primeira etapa foi a pintura das fachadas das casas da Rua das Flores, e a iniciativa foi totalmente independente com a “força-tarefa de moradores em todos os processos, desde o estudo realizado pelo arquiteto Paulo Gonçalves até a doação de materiais para a mobilização”. (LACERDA, 2019)



Figura 12: Revitalização do centro histórico de Jaraguá Fonte: site curtamais

O município de Jaraguá é situado no Parque Ecológico da Serra de Jaraguá, com uma forte produção agrícola e também no setor de confecções, ainda possui uma estrutura colonial muito forte apesar do avanço da modernidade, apesar desse revés consegue preservar suas ruas e edifícios coloniais. Ainda que, conta com pouco cuidado das autoridades locais.

É pequena no quesito territorial, mas enorme quando diz respeito a importância de sua história. Foi construída a partir do centro histórico e foi ampliado com os anos.

A cidade tem potencial turístico, mas que infelizmente não foi explorado. Um dos sítios históricos mais importantes é São Januário (GO-NI-113), registrado pelo IPHAN.



Figura 13: Ruínas da Capela de São José, localizada no sítio histórico arqueológico São Januário. Fonte: Lucas Araújo.



Figura 14: Pedra onde se encontram gravuras antropomorfas. Fonte: Lucas Araújo



Figura 15: Gravuras antropomorfas encontradas no Sítio Petroglifo. Fonte: Lucas Araújo

Conforme Souza (2012, apud ARAÚJO, 2018, p.11) Esse sítio Arqueológico Histórico localiza-se a 7,5 km da sede municipal, nas coordenadas UTM central E-674.984m e N: 8.252.399m (Fuso 22, SAD, 69), implantado num amplo terraço abandonado flúvio-aluvial, alçado ao redor de 10 metros acima do nível de base local do rio Pari.

De acordo com os materiais arqueológicos encontrados dão sustentação à presença de um grupo horticultor, provavelmente com características indígenas. Através de pesquisa do registro arqueológico da área de ocupação, pode-se obter a informação que essa localidade era ocupada por uma grande fazenda de Engenho, construída em meados dos anos de 1729.

Conforme Fonseca (1999, apud ARAÚJO 2018, p.12) os arqueólogos, ao realizarem suas pesquisas no sítio, informaram que encontraram algumas representações antropomorfas, ou seja, desenho semelhantes à imagem de um

homem gravados em uma pedra. Ao analisar essa descoberta no ano de 1995, não foi possível saber ao certo o que os desenhos se tratavam. Mas segundo a historiadora Maria Helena Romacheli (2009), existe um petroglifo. Nele está registrada a palavra PAI, e uma seta mostrando exatamente a direção do seu caminho aos Índios Goya.

Araújo (2018) conclui que as primeiras ocupações na região do município de Jaraguá, aconteceram no início do século XVIII. O Engenho de São Januário foi um marco na colonização existente na região e teve este local escolhido por seu proprietário, por estar em lugar estratégico, ou seja, próximo à Serra de Jaraguá, ao Rio Pari e à Estrada Real, onde se desenvolviam atividades agropecuárias conjugadas à mineração.

Ao contrário do que se imagina, as cidades retêm muitos elementos úteis em seus solos subterrâneos para reconstruir aspectos relacionados às suas origens e mudanças, às vezes provando, complementando ou mesmo contradizendo.

Da mesma forma, a interação de arqueologia com especialistas desempenha um papel importante na restauração de edifícios históricos e na modernização de equipamentos e áreas urbanas. Jaraguá respira história em cada esquina, os fragmentos de memórias do estilo de vida da comunidade Jaraguense, esses fragmentos foram cenários de vários acontecimentos históricos.

Jaraguá é um sítio arqueológico em potencial, que não foi tão explorado em pesquisas, mas tendo vários pontos históricos, mencionados neste trabalho, como por exemplo o sítio arqueológico Igreja Nossa Senhora do Rosário, tem um grande potencial de descobrir com pesquisas mais sepultamentos. Além de, incidências de sítios pré-coloniais, são 8 registrados no IPHAN: GO01489, GO01490, GO01492, GO01493, GO01494, GO01495, GO01497, GO01529. São sítios arqueológicos pré-históricos, do tipo litocerâmico, implantados a céu aberto.

A cidade nos mostra sua complexidade de construção com sua estrutura colonial quase intacta. Cada camada escavada e estudada nos mostra sua história em que foi pouco explorada nas suas camadas mais profundas. Com isso, existe uma grande probabilidade que muito material esteja potencialmente conversado debaixo da cidade em que ainda não foi acessado, geralmente as escavações não exijam

grande profundidade, pois a maioria da ocupação populacional da cidade foram fundações estruturais relativamente rasas.

Também com uma cultura imaterial riquíssima, Jaraguá deleitar-se com várias festividades, em sua maioria religiosa, ao longo do ano como as festas das paróquias, Dia de São Sebastião, Romaria de Monte Castelo, e também a festa do peão que acontece na semana de aniversário da cidade. Segundo Araújo (2018) uma das tradições que até hoje resiste na comunidade jaraguense é praticada pelos fiéis, onde uns participam de algumas procissões e cerimônias religiosas descalças.

Um das figuras mais importantes foi padre Manoel Ribeiro de Freitas, ele “conseguiu estabelecer em Jaraguá alguns dos principais festejos que proporcionam à comunidade jaraguense sua integração social (festa do Divino Espírito Santo e São Sebastião).” (ARAÚJO, 2018, p.21)

Segundo Araújo (2018) a cidade sofreu uma forte influência do catolicismo, era a religião oficial do Império, mas ao decorrer dos anos com a evolução da cidade foram chegando novas religiões como o evangelicalismo e o espiritismo. Mas mesmo assim, os princípios católicos ainda se mantêm majoritários.

a cidade teve seu elemento integrante junto a religião católica e onde boa parte da comunidade se integra socialmente com os advindos dos tempos passados e de um personagem que de fato marcou a história dos católicos e da cidade. (ARAÚJO, 2018, p.21)



Figura 16: Altar da Festa do divino Espírito Santo, festejos de 2014 Fonte: PASCOM



Figura 17: Mesa de leilões na barraca, festejos do Divino Espírito Santo em 2017 Fonte: Lucas Araújo



Figura 18: Cavaleiros das Cavalhadas, festejos de 2018 Fonte: Lucas Araújo



Figura 19: Padre batizando os Cavaleiros Mouros, festejos de 2018
Fonte: Lucas Araújo.

Portanto, há muito que se explorar em Jaraguá, existe um leque de possibilidades e uma história incrível pouco explorada, a cidade é um sítio arqueológico de grande importância, e precisa que sua história seja preservada e contada. Com trabalhos de salvamento, restauração e monitoramento podem dar continuidade a preservação de Jaraguá como sítio arqueológico.

4. PATRIMÔNIOS CULTURAIS DE JARAGUÁ

Igreja de Nossa Senhora da Penha não possui mais a sua estrutura e formato original, foi derrubada e passou por três reconstruções, bem como seu formato de igreja colonial,

[...] dando-lhe um tamanho maior para atender crescente número de fiéis. Na segunda reconstrução não foram encontrados arquivos fotográficos ou documentos que relatem o estado da igreja. Na quarta e última modificação enxergamos um prédio mais moderno é totalmente descaracterizado, não trazendo lembrança alguma de seu passado. (DANTAS, 2020, p.16)



Figura 20: Igreja Nossa Senhora da Penha-Matriz. Fonte: Google Maps, 2020.

A terceira igreja a ser construída foi a igreja de N^a S^a do Rosário, em 1776, por uma irmandade de negros de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito. A igreja de Nossa Senhora do Rosário possui uma grande carga histórica para cidade de Jaraguá, também tombada como patrimônio histórico, carrega consigo várias lendas e contos locais, [...] e permanece com quase todos seus elementos originais.” (DANTAS, 2020, p.16)



Figura 21: Igreja Nossa Senhora do Rosário. Fonte: Google Maps, 2020.

A Igreja de Nossa Senhora da Conceição foi construída em 1828, por Antônio de Souza Felix. Foi tombada como patrimônio e ainda mantém sua estrutura original, “[...] com uma segunda galeria lateral que fora vendida, para virar comércio, posteriormente. Na primeira galeria encontrava-se um depósito e uma sacristia que deu espaço ao, onde hoje se encontrar, o museu de Jaraguá.” (DANTAS, 2020, p.17)

Na Igreja ainda ocorrem missas juntamente com a visita ao museu. Sua estrutura foi restaurada no ano 2000 para a implementação do museu, “[...] que evidenciou túmulos, comum no século XIX, tanto na área externa quanto na área interna do prédio. Acredita-se haver mais túmulos pela área.” (DANTAS, 2020, p.18)



Figura 22: Igreja Nossa Senhora da Conceição. Fonte: site iPatrimonio.

Assim como as igrejas, outro prédio histórico de grande relevância, tombado como patrimônio cultural devido a sua importância cultural para a história da cidade de Jaraguá, é a casa do Padre Silvestre, construída no século XIX em estilo colonial. Foi uma figura influente e atuante no cenário político.



Figura 23: Casa do Padre Silvestre. Fonte: site iPatrimonio



Figura 24: Casa do Padre Silvestre. Fonte: site iPatrimônio

Segundo Hamu (2012), ele atuou como deputado por Goiás em 1823, participou da primeira constituinte do Brasil Império, passou a maior parte de sua vida em Jaraguá. Faleceu com noventa e um anos, no dia 20 de maio de 1863. Atualmente o prédio foi restaurado e posteriormente inaugurado como Casa de Cultura, oficialmente como Secretária de Cultura.

5. SÍTIO ARQUEOLÓGICO NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO: UMA ÁREA ESCAVADA DA CIDADE

A Igreja Nossa Senhora da Conceição foi tombada como patrimônio material pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), localizada na praça do Rosário, possui um alto potencial arqueológico e é também símbolo importante para os cidadãos Jaraguenses.



Figura 25: Igreja Nossa Senhora da Conceição atualmente. Fonte: Google Street View

No início do ano de 2020 ocorreu o “Projeto Monitoramento Arqueológico das obras de Restauração da Igreja da Nossa Senhora da Conceição”, sob coordenação de Cristiane Loriza Dantas. O trabalho em questão tinha como objetivo monitorar o processo das obras de restauração da Igreja Nossa Senhora da Conceição.

As escavações seguiram o método níveis artificiais de 10cm, cada sondagem teve dimensão de 1x1m. “A superfície e os primeiros 10 cm de profundidade das três sondagens possuem as mesmas características. Piso de mezanetas de 5cm de espessura sobre uma camada de 5cm de saibro de coloração avermelhada.” (DANTAS, 2020, p.20)

Em boa parte das sondagens foi identificado material arqueológico. Especialmente nas sondagens realizadas na área interna da igreja. Além disso, a maioria das áreas de prospecção segue a orientação da equipe de

engenharia. Em locais que precisam ser escavados, tais atividades devem ser realizadas de acordo com metodologia arqueológica e com o acompanhamento de arqueólogo de campo. (DANTAS, 2020)

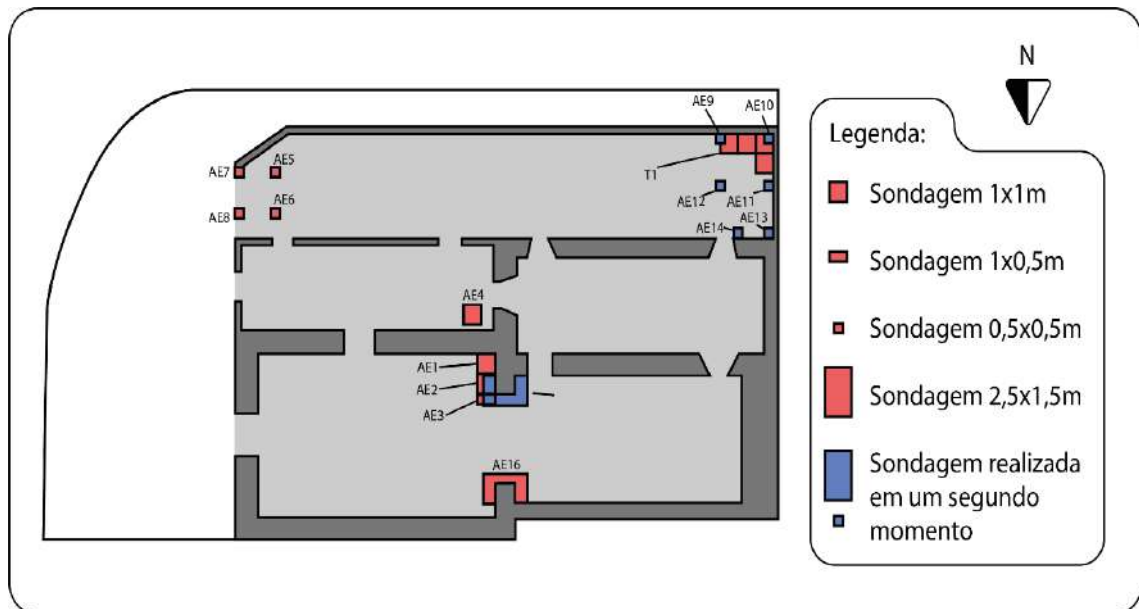


Figura 26: Disposição das sondagens. Produção: Lucas Silva

Foram identificados materiais arqueológicos em grande parte das sondagens, “[...] especialmente nas sondagens realizadas na área interna da igreja. A escavação da Trincheira 1 na área externa dos fundos da igreja ocorreu por ter sido identificado uma estrutura de rochas, provavelmente se tratando de um antigo muro da igreja.” (DANTAS, 2020, p.19)

5.1 Materiais encontrados

Por se tratar de uma área de sepultamentos, o projeto buscava realizar o mínimo de intervenção. Dos materiais encontrados, os mais relevantes foram: Cachimbo “foi exumado 1 cachimbo feito de cerâmica, com estado de conservação regular por se apresentar fragmentado.” (DANTAS, 2020, p.65), e alguns fragmentos de louças, de ossos e cerâmica.



Figura 27: Cachimbo fragmentado. Fonte: Vestígio Arqueologia e Meio Ambiente.

Com isso, pode-se concluir ao observar a escavação através do relatório de campo que:

o contexto do material arqueológico e a estratigrafia, é que uma intervenção já foi realizada neste espaço em algum momento. O que poderia ter misturado os ossos de um possível enterramento ao material construtivo e o material arqueológico. (DANTAS, 2020)

Nas escavações foram identificados 23 fragmentos de ossos, sendo 2 fragmentos de restos humanos e demais de restos animais. Este tipo de categoria tem muitas perdas durante o processo de deposição tornando-os muito frágeis e diminuindo as possibilidades de identificação.



Figura 28: Fragmentos de ossos. Fonte: Vestígio Arqueologia e Meio Ambiente

Contudo, os materiais mais frequentes nas escavações foram os vários fragmentos de cerâmica. A cerâmica é um dos produtos mais acessíveis e utilizados na cultura humana e de mais recorrência nos sítios arqueológicos.

Sua manufatura relativamente bem disseminada entre as culturas do mundo, sua qualidade relativamente imperecível, sua persistência através do tempo e sua presença em todos os continentes fez com que a cerâmica se tornasse uma ferramenta importante para o arqueólogo em seu estudo sobre o passado (ARNOLD, 1985).



Figura 29: Fragmentos cerâmicos encontrados. Fonte: Vestígio Arqueologia e Meio Ambiente.

A cerâmica, é uma das maiores e mais simples representantes de uma série de escolhas tecno-culturais feitas para atingir um objetivo específico (a produção de um determinado tipo de vasilhame), elas não só retratam o sentido funcional do objeto, mas também carregam o sentido simbólico, retratam os conhecimentos adquiridos e

processados de geração a geração. (BOËDA, 1997).

Para Meneses (1983) os artefatos têm duplo aspecto como produto e vetor nas relações sociais, sendo uma via de mão dupla onde o artefato não é um objeto inanimado sem interação com o meio, mas fazendo parte do sistema sociocultural.

De um lado, eles são o resultado de certas formas específicas e historicamente determináveis de organização dos homens em sociedade (e este nível de realidade está em grande parte presente, como informação, na própria materialidade do artefato). De outro lado, eles canalizam e dão condições a que se produzam e efetivem, em certas direções, as relações sociais.

Contudo, as informações isoladas sobre os fragmentos cerâmicos não podem acrescentar muito a pesquisa arqueológica, mas a inter-relação dos atributos selecionados pode oferecer informações sobre o conhecimento tecnológico do grupo estudado, assim como proporciona informações que contribuem para interpretação acerca da função dos vasilhames cerâmicos. (ARNOLD 1985)

As escavações arqueológicas realizadas conseguiram obter algumas soluções de dúvidas, “quanto a diacronia tanto do espaço interno quanto externo da igreja e, para além disso, auxiliou na identificação da extensão dos problemas em partes da estrutura do prédio.” (DANTAS, 2020, p.68) Foi possível observar também que as estruturas foram totalmente modificadas, principalmente no caso do alicerce do muro.

Através do trabalho de monitoramento da Igreja Nossa Senhora da Conceição, podemos constatar que a cidade de Jaraguá pode apresentar grande potencial arqueológico para pesquisas futuras. Com potencial de haver mais túmulos.

Jaraguá respira história em cada esquina, os fragmentos de memórias do estilo de vida da comunidade Jaraguenses, esses fragmentos foram cenários de vários acontecimentos históricos.

A Igreja Nossa Senhora da Conceição faz parte da história da cidade e é um espaço utilizado com propósito de buscar a preservação e transmissão das heranças culturais, e podemos afirmar que esse patrimônio é uma referência à cultura da cidade de Jaraguá.

Uma estrutura colonial como essa, incentiva as comunidades a se interessarem em aprender mais sobre a história local, e esse interesse é transmitido de geração em geração. O museu é frequentemente visitado pela comunidade, especialmente por jovens estudantes.

CONCLUSÃO

Desse modo, através da explanação sobre a estrutura e forma da cidade de Jaraguá, e também conversando diretamente com a Arqueologia Urbana, pode-se perceber que a cidade possui todos os atributos e aspectos para ser considerada como um sítio arqueológico.

A arqueologia urbana proporciona esses aspectos, considera a própria cidade e seu contexto como objeto de pesquisa e os vestígios arqueológicos são tratadas de forma integrada ao sistema urbano. A tendência é que de uma arqueologia na cidade, passe-se a fazer uma arqueologia da cidade.

Dentro dessa última visão se insere a concepção de Staski (1982, p.97) para a arqueologia urbana como “o estudo das relações entre cultura material, comportamento humano e cognição em um contexto urbano”. Evocando, elaborando e recriando sentimentos a arqueologia urbana constrói uma “narrativa conjetural”. (apud SANTOS, 2009, p.38)

Toda sua estrutura, destacando principalmente as igrejas e o centro histórico foram lugares essenciais para concluir que sua narrativa nos conduz a perceber sua importância histórica e seu potencial arqueológico. A cidade também possui um potencial turístico, mas que infelizmente não foi explorado

É pequena no quesito territorial, mas enorme quando diz respeito a importância de sua história. Foi construída a partir do centro histórico e foi ampliado com os anos.

As igrejas e casas históricas precisam de uma maior atenção, pois, muitas das casas não estão em boas condições, o que dá a ideia de que é algo que precisa ser destruído, e o intuito é justamente o contrário. Com um bom projeto de restauração todo o centro histórico tem um potencial turístico gigantesco, e, é claro, projetos de restauração e de pesquisa arqueológica na cidade só trariam ainda mais possibilidades.



Figura 30: Casas históricas que passaram pelo processo de revitalização do centro histórico de Jaraguá Fonte: site curtamais

De fato, Jaraguá tem um espaço crescente para atividades arqueológicas, a cidade tem uma dimensão histórica, por meio dos vestígios conservados das diferentes etapas da sua ocupação, restauração da sua evolução em termos cronológicos, os seus espaços edificados, suas atividades, bem como suas vivências. Algumas, poucas, pesquisas foram realizadas, mas ainda há muito o que se estudar nessa cidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO, Lucas Nunes Bastos de; PINTO, Maryana de Souza. *Tradição e Memória. Intervenção e reabilitação do patrimônio arquitetônico do Centro Histórico de Jaraguá-GO*. Trabalho de conclusão de curso (graduação). Dezembro, 2018.
- CABRAL, Lucia Almeida da Cunha. *O Extinto Seminário Santa Cruz: cultura material e historiografia*. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Instituto Goiano de Pré-história e Antropologia (IGPA)/Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Curso de Arqueologia, 2016.
- COSTA, Diego M. *O Urbano e a Arqueologia: Uma Fronteira Transdisciplinar*. VESTÍGIOS – Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica, v. 8, n. 2, julho-dezembro, 2014.
- DANTAS, Cristiane Loriza. *Relatório de Monitoramento Arqueológico das Obras de Restauração da Igreja de Nossa Senhora da Conceição, Jaraguá/GO*. Vestígio Arqueologia.2020, p. 1-86.
- HAMU, Daura Rios Pedroso. *Um olhar para as artes que pertenceram ao Padre Silvestre*. In: Lúcia Freitas (Org.). Aspectos histórico-social de Jaraguá. Anápolis: UEG, 2012. p. 150-186.
- LACERDA, Anna Karla. A cidade de Jaraguá ganha revitalização do Centro Histórico. Curtamais, Goiânia, 27 de fev. de 2019. Disponível em: <<https://www.curtamais.com.br/goiania/a-cidade-de-jaragua-ganha-revitalizacao-do-centro-historico>>. Acesso em: 05 de dez. de 2020.
- LYNCH, K. *A imagem da Cidade*. Martins Fontes, São Paulo, 1999.
- MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. *A cultura material no estudo das sociedades antigas*. Revista de História n. 115; USP, 1983, p.103 a 117.
- PEDROSO, Dulce Madalena Rios. *Jaraguá - a formação de um povoado*. Revista de Divulgação Científica, UCG, v. 3, p. 183-197, 1999.
- _____. *História e Memória: debate sobre a construção histórica da origem e fundação de Jaraguá - GO*. Habitus, v.6, 2008, p. 153-170.
- SANTOS, Nadja F. *Interface entre Arquitetura e Arqueologia na Preservação do Patrimônio Cultural Urbano*. Dissertação (Mestrado Memória Social e Patrimônio Cultural) - Instituto de Ciências Humanas. Universidade Federal de Pelotas, 2009.
- SILVA, Fabíola Andréa; BESPALÉZ, Eduardo; STUCHI, Francisco Forte. *Arqueologia colaborativa na Amazônia: Terra Indígena Kuatinemu, Rio Xingu, Pará*. Amazônica - Revista de Antropologia da Universidade Federal do Pará, 2020, p. 32-59.
- SILVA, Lucas Renan Lobato Lima da. *Força, Arqueologia da Paisagem e Fenomenologia: Analisando a narrativa de um enforcamento de 1839 na Cidade de Goiás*. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Instituto Goiano de Pré-história

e Antropologia (IGPA)/Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Curso de Arqueologia, 2017.



**PUC
GOIÁS**

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
Av. Universitária, 1059 | Setor Universitário
Caixa Postal 86 | CEP 74605-010
Goiânia | Goiás | Brasil
Fone: (62) 3946.1020 ou 1021 | 0
www.pucgoias.edu.br | prograd@pucgoias.edu.br

RESOLUÇÃO n°038/2020 – CEPE

ANEXO I

APÊNDICE ao TCC

Termo de autorização de publicação de produção acadêmica

O(A) estudante Luis HENRIQUE SANTOS MAIA do
Curso de Arqueologia, matrícula 20122006400434, telefone: 37999345986 e-mail LuisHSMAIA@6mail.com, na qualidade de titular dos direitos autorais, em consonância com a
Lei n° 9.610/98 (Lei dos Direitos do autor), autoriza a Pontifícia Universidade Católica de Goiás
(PUC Goiás) a disponibilizar o Trabalho de Conclusão de Curso
intitulado IMPORTANCIA DA CIDADE DE JARAGUÁ NO CONTEXTO DE
OCUPAÇÃO DE GOIÁS: ASPECTOS DA HISTÓRIA DA CIDADE E SUAS POTENCIALIDADES NA PERSPECTIVA DA
ARQUEOLOGIA, gratuitamente, sem ressarcimento dos direitos autorais, por 5 (cinco) anos,
conforme permissões do documento, em meio eletrônico, na rede mundial de computadores, no
formato especificado (Texto (PDF); Imagem (GIF ou JPEG); Som (WAVE, MPEG, AIFF,
SND); Vídeo (MPEG, MWV, AVI, QT); outros, específicos da área; para fins de leitura e/ou
impressão pela internet, a título de divulgação da produção científica gerada nos cursos de
graduação da PUC Goiás.

Goiânia, 25 de JUNHO de 2021.

Assinatura do(s) autor(es): Luis Henrique Santos Maia

Nome completo do autor: Luis Henrique Santos Maia

Assinatura do professor-orientador: Cristiane Loriza Dantas

Nome completo do professor-orientador: Cristiane Loriza Dantas